

APROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor

V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA JOSÉ JOAQUIM MARQUES, 48-A

MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — MONTIJO

DIRECTOR

RUY DE MENDONÇA

Servir o Montijo

Temos presente o Relatório da gerência da Câmara Municipal de Montijo, referente ao ano de 1954, que foi aprovado na última reunião do Concelho Municipal.

É nossa intenção analisar e comentar este valioso relatório do que foi a vida da nossa terra durante o ano findo. Queremos no entanto, antes de emitirmos qualquer opinião, e aproveitando a oportunidade da passagem do 3.º aniversário da posse do Sr. Presidente da Câmara, arquivar nas nossas colunas as palavras finais do referido Relatório. Elas definem bem o carácter e o valor do homem que dirige esta terra:

Julgado o momento de, em exame desapassionado, reconhecer que não conseguimos tudo o que aspirávamos e que prevíamos. Mas alguém o conseguiu em qualquer parte ou em qualquer tempo? Evidentemente que não. Os imponderáveis surgem a cada passo. Assim, «O homem põe e Deus dispõe». Porém, o facto de não se ter conseguido tudo não quer dizer que a gerência foi monótona ou ociosa. Não. A palavra de ordem continuou a ser o trabalho, a luta permanente, por vezes inglória, na defesa intransigente daquilo que te-

mos por sagrado, que são os superiores interesses do Município, que o mesmo é dizer, os interesses de todos os munícipes, o interesse geral.

No estudo e apreciação de assuntos que diariamente nos são postos e que obrigam a deliberação da Câmara ou decisão do Presidente, não esquecemos, antes temos sempre presente, que o interesse do Município confunde-se geralmente com o interesse geral e quando este colide com interesses particulares, inevitavelmente, estes têm de subordinar-se.

Não pretendemos captar simpatias nem comprar popularidade pois agimos em plena concordância com a nossa consciência. Esta conduta, rígida mas honesta e leal, de que nos podemos orgulhar, custa-nos dissabores, amizades e também dinheiro, mas podemos afirmar convictamente que ainda não tivemos motivos para a rectificar.

Neste esforço quotidiano que coloca a nossa vida particular em segundo plano, nesta luta permanente contra obstáculos nem sempre justificados, nesta dura batalha que nos impõe perdas irreparáveis, há só um único objectivo, uma ambição verdadeiramente sedutora: SERVIR O MONTIJO.

O HOMEM E A MÁQUINA

Não devemos deixar morrer o espírito

Os periódicos ultimamente noticiam com fúria brigadas ou pseudo brigadas para estudos nuclear, atómico, radioactivo... tudo isto para ofertar ao mundo um paraíso... para breve.

E para maior relevo da técnica não faltam, com acerto, os números: assim em 1954 foram vendidos 5.300.000 automóveis, 4.600.000 frigoríficos, 7.000.000 aparelhos de televisão, etc., tais factos são a prova irrefutável de que se caminha a passos largos para o supremo bem estar se aos homens aprouver gozá-lo.

Na verdade com o surgir da máquina a vida industrializou-se e tornou-se si-

multaneamente vida mecânica.

O homem passa a movimentar-se como a máquina — com velocidade e com tempos cronológicos.

Viaja por sinais, recebe automaticamente os artigos de compra pela introdução da moeda no orifício, efectua operações pela máquina de calcular.

Constrói de manhã o motor que idealizou durante a noite, e ao cair da tarde tenta a viagem à lua.

Erige ou destroe cidades no mais curto espaço de tempo.

Basta fundar uma fábrica

(Continua na página 9)

O CICLO PASCAL

Pelo Prof. JOSÉ MANUEL LANDEIRO

ESTA palavra Páscoa, do latim *pascha*, vem de uma palavra hebraica *pesach* que significava *passagem*, travessia.

Era uma festa anual que os judeus instituíram para comemoração da sua saída do Egipto e passagem do Mar Vermelho fugidos às hostes aguerridas deste povo, e em memória da passagem do Anjo exterminador das crianças primogénitos do Egipto.

Para os cristãos significa a *passagem* da morte para a vida, como sucedeu na Ressurreição de Cristo.

Os israelitas celebravam a sua Páscoa — dia 14 do primeiro mês do seu calendário, o de *Nisan*, que correspondia ao tempo que vai do dia 1 de Março a 15 de Abril do nosso calendário gregoriano. A Páscoa israelita podia pois, cair em qualquer dia da semana, e é propriamente a substituição do festim do ritual judaico pela ceia eucarística, em que é comemorada a morte de Jesus — Verdadeiro Cordeiro Pascal.

A Igreja adoptou e cristianizou a Festa da Páscoa, transformando-a na comemoração da *passagem* do verdadeiro Cordeiro de Deus que, com o seu sangue resgatou a humanidade, escolhendo o Domingo, dia em que se deu a ressurreição de Jesus. Este dia de Domingo é hoje conhecido pelo dia do Senhor — *Dominicus* — que sucedeu em tudo ao sábado no ritual judaico.

A princípio houve entre a Igreja da Ásia e a do Ocidente, em Roma, divergência do dia da comemoração da Páscoa. Assim, na Ásia, celebrava-se no mesmo dia em que os judeus festejavam a sua passagem pelo Mar Vermelho, a que já aludimos. Em Roma e em todo (ou quase todo) o Ocidente, a Páscoa cristã obedecia à comemoração da ressurreição de Cristo, que, como dissemos, teve lugar no dia imediato ao sábado, e que hoje se chama domingo, e sempre no primeiro domingo depois do *Nisan*.

Isto provocou controvérsia, a que pôs termo o Papa Vitor (C. 190). Mais tarde, novo conflito se levanta entre o cômputo de Antioquia e o de Alexandria. É o Concílio de Niceia que o resolve, fixando no dia 21 de Março o Equinócio. O Domingo de Páscoa fica sendo, por conseguinte, o que vem imediatamente depois do XIV dia da lua do primeiro mês, segundo a maneira da contagem dos judeus, isto é, daquele cujo XIV dia cai no mesmo dia que o equinócio da Primavera, isto é, no dia 21 de Março ou depois dele. Se a lua cheia cair no dia 21 de Março e o dia 22 for domingo, já este dia é o da Páscoa.

Se, porém, a lua cheia de Março cair antes do dia 21 de Março, a lua de Abril recairá até ao dia 18, e se este dia for domingo, a Páscoa festejar-se-á no domingo seguinte. Os dias de 22 de Março a 25 de Abril são os dois extremos do tempo em que a Páscoa pode cair. No seminário estudamos a maneira prática de achar o dia da Páscoa de cada ano. É trabalho interessante, mas, confessamos, para nós foi custoso aprendê-lo, por se tratar de números...

E, para terminarmos este já tão longo trabalho, diremos que a Páscoa é, além da festa comemorativa do resgate da Humanidade, também a festa da Paz e da Concórdia que o Mundo revoltado dos nossos dias reconstruirá em Cristo!

Penamacor, Semana Maior de 1955

Crónica da Capital

(Pelo Redactor ROLLIN DE MACEDO
Endereço postal: Apartado 96 - Lisboa)

Abertura

A susceptibilidade de algumas pessoas do nosso meio costuma reagir com profunda ira, quando alguém, com intenções puramente críticas, comenta alguns dos seus actos públicos. Há neste melindre um complexo de inferioridade colectivo e um desconhecimento dos direitos do crítico.

A missão do crítico, ao contrário do que parece julgar muita gente, não é uma tarefa fácil. Criticar exige uma força de personalidade e uma cultura generalizada que se não adquirem de um momento para o outro. Para criticar verdadeiramente, é necessário ter os pés bem seguros no chão. É o verdadeiro crítico conhece, de antemão, os desgostos, as misérias e as intrigas que a cada passo lhe surgem. E sabe, também, que tem de ser superior a tudo isso, mantendo a sua directriz de apreciação longe dos casos pessoais e da chicana do dia a dia. Porque não há nada mais contrário à crítica do que a má língua.

Ao crítico não interessam os factos senão no que eles têm de geral e representativo. A questão pessoal e íntima, o enredo e a intriga, estão fora do seu raio de acção.

Creemos que é à custa da confusão entre a má língua e a crítica que o nosso meio reage demasiadamente diante de qualquer alusão aos actos de outrém, por mais públicos e gerais que estes sejam. Entre nós não se destrinça facilmente entre a atitude correctiva, no sentido ascensional, de um crítico e o amesquinamento, vicioso e rebaixador, dos comentários dignos das mulheres de soalheiro.

(Continua na página 9)

Grato por uma obra que não oferece contestação — o povo de Montijo — saudou, no domingo, nos Paços do Concelho, com simpatia e entusiasmo o seu Presidente

(Ver notícias e reportagem gráfica na 5.ª página)

MONTIJO DIA A DIA

O espectáculo do programa

"Isto é Montijo"

O programa radiofónico «Isto é Montijo», e António Vilas Boas, levou a efeito no passado sábado, no salão de festas da «Banda Democrática 2 de Janeiro», gentilmente cedido para esse fim, um interessante serão de variedades, no qual colaboraram os amadores montijenses:

Maria de Lourdes Rosário, Mária de Lourdes d'Almeida, Maria Albertina, Eulália Capelo, Maria Aurélia, António Fanico, António Bento, Francisco Esperança, José António Fragoso, José Emídio Cruzeiro, Júlio Santos Pratas, e ainda o apreciado cantor Vaz de Carvalho.

A locução, sempre animada e prendendo o público com as suas divertidas anedotas e «sketches», esteve a cargo de Maria Helena Rosário, Luiz Onofre e Victor Jardim.

O programa teve a valiosa colaboração da excelente Orquestra Ribatejana, quase imprescindível neste género de espectáculos, superiormente dirigida pelo categorizado pianista montijense Humberto de Sousa. Colaboraram também na parte musical, o jovem acordeonista António Chitas, que é já uma afirmação de valor positivo, e ainda José Herenegildo da Silva e Sidónio Firmino, respectivamente à guitarra e à viola.

António Vilas Boas, o feliz produtor do programa radiofónico «Isto é Montijo», deu início ao espectáculo proferindo algumas palavras de agradecimento ao povo da nossa terra, pela forma como tem acolhido e acarinhado o programa que em tão boa hora empreendeu e lançou na Rádio Portuguesa. Seguidamente agradeceu a todos os amadores que tão gentilmente ace-

deram a colaborar no espectáculo, e finalizou apresentando os locutores do serão, a que já fizemos referência.

À abrir, a pequena mas talentosa declamadora montijense Maria Aurélia recitou, e muito bem, o poema do Fado «Montijo», que entusiasmou a assistência pelo simbolismo dos versos, constituindo uma autentica afirmação de bairrismo, a forma como todos os presentes «sentiram» aquele poema.

O espectáculo decorreu da melhor maneira, com animação e bom nível artístico, tendo todos os amadores actuado de forma a merecerem do público os melhores aplausos.

Permitimo-nos, no entanto, realçar a actuação de Maria de Lourdes Rosário, uma voz agradável e de muita presença, e de Vaz de Carvalho, o cantor montijense cujo nível artístico tem melhorado sempre, constituindo actualmente um valor real, como não há muitos na nossa Rádio, e de que Montijo se pode orgulhar.

Extra-programa, tivemos o prazer de escutar Otelo Higino, artista do programa rádio publicitário «Programa Musical», que agradou plenamente, deixando o público muito bem impressionado.

Este serão, onde se procedeu também à distribuição dos prémios do concurso do programa «Isto é Montijo», foi gravado e será radiodifundido pelo Rádio Clube Português, Rádio Peninsular e Rádio Restauração.

Enfim, um espectáculo agradável, bem organizado e dirigido, pelo que estão de parabéns o programa «Isto é Montijo» e o seu produtor António Vilas Boas. — J. J. C.

Problemas da nossa terra

Um telefone na ponte dos vapores

Existiu em tempos idos uma cabine telefónica na Ponte de embarque, que, por razões para nós desconhecidas, foi retirada!

Não sabemos portanto a que obedeceu tal medida ordenada pela Companhia dos Telefones; mas, o que sabemos é que um telefone naquele local é duma necessidade a toda a prova, dado a distância a que o términus da Ponte se encontra dalguns locais da vila, e porque o grande movimento de embarque e desembarque

de passageiros, aliado à carga e descarga de variadíssimas mercadorias, tal impõe, para qualquer assunto de urgência.

Se a razão foi a do «abandono» a que era votada a cabine, pelo ermo do local, está ela hoje solucionada com a existência na Ponte, dum «Quiosque» que se encontra aberto todo o dia, e portanto nas horas do movimento.

A instalação do telefone nesse estabelecimento seria a garantia não só da guarda,

como da eficiência do serviço de chamadas e recepções.

Era de aconselhar, portanto, o interesse da nossa Camara junto da Companhia dos Telefones, para a «reposição» desse melhoramento.

Reporter W

Gazetilha

Já não posso, não tolero Ouvir de bola falar. Mas mesmo porque não quero E' que venho protestar.

E' bola à 2.ª feira A's 3.ªs 4.ªs e quintas São cabeças e rasteiras «Penaltys» «corners» e fintas.

E' o Benje, o Zé Luis D. António e o Moreira O Rodrigues infeliz Faz asneira sobre asneira.

E' owi-los no café Cheios de calor, emoção. Parece mesmo até Estar ali a salvação.

No campo de jogos, então Os homens a gaiatagem, Dizem todo o palavrão Não há cobro na linguagem.

Protesto, estou zangado, Isto assim não pode ser, Porque quem é malcriado Não sabe nunca perder.

Zé de Montijo

PROPRIEDADE Vende-se

No Samouco, com 8 moradias, 2 poços, capoeiras, um armazém e terreno de sementeira. Construção nova. Trata: Diogo da Cruz Ventura, Rua Formosa, 12, Telef. 026 382 — Montijo.

Câmara Municipal de Montijo

Venda de sucata

Até ao dia 21 de Abril recebem-se propostas para a venda de duas porções de sucata, uma de ferro forjado e outra de ferro fundido, existentes no Matadouro Municipal.

As condições estão patentes na Secretaria Municipal.

Sensacional! ...

Baixa de Preços! ...

V E S P A Modelos desde Esc. 10.500\$00 As maiores facilidades de pagamento Agentes exclusivos: MARPAL, Limitada Telef. 026 151 — Rua José J. Marques, 27 MONTIJO O primeiro SCOOTER do Mundo

SOLENIIDADES DA SEMANA SANTA

Como nos anos anteriores, vão comemorar-se na igreja Matriz do Montijo as cerimónias da Semana Santa.

O Programa é o seguinte:

Quinta Feira Santa — 7 de Abril.

Dia da Eucaristia

A's 9 horas — Missa Solene, Procissão, Exposição do Santíssimo, que se conservará exposto todo o dia e noite.

A's 18,30 horas — Lava-pés (Mandatatum) com Sermão pelo Rev. P.º David Lopes Paixão, Prior da Anunciada de Setúbal.

A's 20,30 horas — Ofício de Trevas.

A's 22 horas — Procissão da Paixão.

Desde a meia noite até de manhã, adoração pelos homens Católicos.

ORFANATO

Por deliberação da Direcção, na sua reunião de 1 deste mês, foi dado oficialmente o nome de «Orfanato Dr. César Fernandes Ventura» a esta casa de beneficência.

Mais foi resolvido que no futuro, só terão validade as contas que sejam apresentadas com uma requisição, devidamente assinada por um Director em exercício.

E' grande o entusiasmo que reina no espírito dos membros dos Corpos Gerentes do Orfanato, os quais têm intenção de fazer reviver os bons princípios que presidiram a vontade magnánima do seu fundador, Sr. Dr. César Ventura, veneranda figura de grande benemérito da nossa terra.

Café Portugal

SALO DE FESTAS no 1.º andar — SA LÃO DE BILHARES com Snookers

SERVIÇO DE CASAMENTOS E BANQUETES

Com Salão Próprio

Praça da República

MONTIJO

Banda Democrática 2 de Janeiro

No Domingo de Páscoa, pelas 17,30 horas, realiza esta banda um concerto musical no coreto da Praça da República, em homenagem à ex.ª Câmara Municipal de Montijo, com o seguinte programa:

- I — Modesto — Marcha de Concerto — Américo da Fonseca.
- II — Semiramis — Overture — G. Rossini.
- III — Divertissement des Erinnyes.
 - N.º 1 — Danse Grecque
 - N.º 2 — La Troyenne
 - N.º 3 — Saturnales
- IV — Turandot — Selecção de Opera — G. Puccini.
- V — La Divina Comédia — Poema Sinfónico.
- 1.ª Parte «O Inferno» San Fiorenzo.
- VI — Landing of the Troops — Marcha — H. J. Grosby.

Agradecimentos Palmira Faria

A família agradece a todas as pessoas que se interessaram durante a sua prolongada doença, assim como aos que a acompanharam à sua última morada.

José Joaquim Pialgata

Agradece reconhecido a todas as pessoas que se interessaram pelas suas melhoras, enquanto esteve internado no Hospital de S. José, em Lisboa.

Trespasa-se

Mercearia e Fanqueiro — Rua José Joaquim Marques, 149-151 — Montijo.

NOTÍCIAS DA SEMANA

Agenda

Visitas

— Tivemos o prazer de cumprimentar no domingo, nesta vila o sr. Dr. Manuel Maurício, ilustre médico em Canha e digno Provedor da Santa Casa da Misericórdia.

— Deu-nos o prazer de visitar a nossa redacção o nosso dedicado e velho amigo sr. A. Caetano Mestre residente no Seixal.

Aniversários

— Fez anos no passado dia 6 a sr.ª D. Benedita de Jesus Gonçalves Landeiro, digna professora oficial nesta vila e esposa do nosso dedicado colaborador sr. professor José Manuel Landeiro.

— No dia 30 de Março p. p. fizeram anos: a menina Maria João Gouveia Vitorino da Mota, neta do nosso amigo, assinante sr. Justiniano Gouveia e o sr. Dr. Manuel Leite da Cruz, nosso prezado colaborador e muito ilustre médico veterinário em Montijo.

— Também na 3.ª-feira 5 do corrente, comemorou o seu primeiro aniversário natalício, a menina Amélia Cristina Ferro Bisca, neta do nosso prezado assinante sr. José Francisco Ferra Júnior.

— Na próxima 6.ª-feira, dia 8, também comemora o seu aniversário, o sr. António Carlos Neto Canastreiro, filho do nosso prezado assinante sr. Francisco Soares Canastreiro Júnior.

Foi assaltada

a estação dos C. T. T.

Na madrugada do dia 5, os gatinhos assaltaram a estação dos C. T. T., desta vila. Utilizando uma escada de mão, os ladrões entraram pelas trazeiras do edifício, depois de terem quebrado os vidros de uma das janelas.

Toda a correspondência registada foi aberta tendo o cofre sido forçado.

Os serviços dos correios foram afectados, encontrando-se encerrada a estação e não se tendo procedido à distribuição da correspondência da manhã.

A polícia local, orientada pelo sr. 1.º sub-chefe Rogério, está procedendo a aturadas diligências, esperando-se, a todo o momento, prisões importantes.

Português e Francês

Explicações a alunos do Ensino Liceal e Comercial por ex-professor de Ensino Técnico e provisório dos Liceus, devidamente diplomado.

Lições individuais a adultos que pretendam adquirir cultura geral nestas disciplinas.

Vai a casa dos alunos que poderão reunir-se em grupos de três. (Em grupos as mensalidades são beneficiadas do desconto de 20%.)

Dirigir-se ao professor Sousa Gago, rua Gago Coutinho, 106-B — Montijo.

Oferece-se

Meio caixeiro de mercearia e fanqueiro, idade 19 anos, dá todas as referências, não importa para qualquer ponto do país.

Resposta à redacção de «A Província» ao n.º 101.

Portões

Vendem-se dois, com 2,2X2,5 e 3X2,5 — Informa: Drogaria Montijense

Montijo em festa, agradeceu ao Presidente do Município, três anos de renovação, ordem e progresso

Montijo, acordou no domingo, com ar festivo. A própria natureza se encarregou de nos dar uma linda manhã, verdadeiramente primaveril.

Cedo ainda começaram a ouvir-se morteiros, e perto do edifício da Câmara Municipal alguns curiosos se juntaram a ver chegar os funcionários que vinham cumprimentar o sr. José da Silva Leite.

A's 10 horas o funcionalismo municipal e os senhores vareadores, acompanhados do sr. António João Serra Júnior Vice-Presidente da Câmara e do sr. José Maria Mendes Costa Chefe da Secretaria, foram ao gabinete do sr. Presidente apresentar as suas saudações, tendo falado o sr. José Maria Mendes Costa que com palavras de sincero reconhecimento, manifestou o apreço em que todo o funcionalismo tem o seu Presidente e aproveitou para oferecer uma pequena pasta encadernada em veludo verde, onde estava inscrita

uma saudação assinada por todos.

O sr. Presidente, agradeceu comovido e declarou, dever grande parte da sua acção como Presidente, ao Chefe da Secretaria da Câmara de Montijo, funcionário probo, competente, zeloso, e a quem se deve a renovação operada nestes últimos três anos, e reorganização dos serviços administrativos. Agradeceu a todos os funcionários a colaboração prestada, assim como à actual e antigas vereações e senhor Vice-Presidente, a boa compreensão e auxílio dados no decorrer destes três anos.

Entretanto cá fora entre a Avenida Dr. Oliveira Salazar e o Parque Municipal a concentração ultimava os preparativos.

A marcha a caminho dos Paços do Concelho iniciou-se às 10 horas e 40 minutos abrindo o cortejo a Corporação dos Bombeiros Voluntários seguida da Mocidade e da Legião Portuguesa.

Logo atrás a Sociedade Musical de Sarilhos Grandes, os internados do Orfanato Dr. César Fernandes Ventura, e os velhinhos do Asilo de S. José.

A' Banda Democrática 2 de Janeiro seguia-se uma alegre e ruidosa representação de crianças pertencentes à Colónia Balnear Infantil «José da Silva Leite» que empunhando pequenas bandeiras de papel verdes e amarelas cantavam e davam constantemente vivas

ao seu patrono e grande amigo.

Com suas bandeiras e estandartes as respectivas representações davam um ar de imponência e alegre colorido ao Cortejo.

O Clube Desportivo de Montijo, Associação Pesca-

(Continua na página 6)

Espectáculos

Cartaz da Semana

CINE POPULAR

5.ª-feira, 7: (sem classificação especial) «A Mulher dos Meus Sonhos»

Sábado, 9: (para adultos) «Domingo de Agosto» com «Flor Silvestre»

Domingo, 10: (Matinée com entradas para crianças) «Cristian Andersen» soirée (sem classificação especial) «Duas Semanas de Amor» com «Morrendo para Viver»

2.ª-feira, 11: (para adultos) «Terra Maldita» com «A Deusa do Mal»

3.ª-feira, 12: (sem classificação especial) «Tempestade no Oriente» com «Grande Baluarte»

CINEMA 1.º DE DEZEMBRO

Sábado, 9: «Amor de uma mulher» e «Rivais em fúria»

Domingo, 10: (O filme português) «Parabens senhor Vicente» e o documentário «Sinfonia Ribatejana»

2.ª-feira, 11: «Mandy — a surda muda» e «Sangue vermelho»

4.ª-feira, 13: «Apresentar armas» e «Jornal universal de actualidades»

Orfanato «Dr. César Fernandes Ventura» MONTIJO

Convocação

Convocam-se todos os credores desta instituição de beneficência, a apresentarem até ao dia 29 do corrente, pelas 21 horas, as contas de fornecimentos feitos por requisições de anteriores Gerências, afim de serem apreciadas e inventariadas.

Todas as contas apresentadas em data posterior não serão consideradas.

Para poderem ser conferidas é necessário que venham devidamente documentadas.

Pela Direcção,
Francisco Pedro Farreu
Presidente

ALMEIRIM

Uma qualidade que se impõe!

ALMEIRIM

Uma qualidade que satisfaz!

Brevemente bate-lhe à porta

Ecos das Festas

No último número demos conhecimento aos nossos leitores do que se irá passar nas próximas Festas quanto a sessões de fogo de artifício, e hoje podemos informar que já foi fechado o contrato para as ornamentações, que mais uma vez vão estar entregues ao categorizado artista de Felgueiras, Sr. Constantino Lira, que é igualmente o fornecedor da Marcha Luminosa, um número que no Sul do País só é apresentado no Montijo.

As ornamentações foram cuidadosamente estudadas, de molde a constituírem espectáculo de maior beleza que as do passado ano. As iluminações serão igualmente melhoradas em toda a extensão do arraial.

Foram distribuídas as circulares solicitando donativos para as Festas. A Comissão já iniciou a recolha dos talões, e bem assim das respectivas importâncias.

E', pois, chegado o momento de todos demonstrarem o seu carinho pelas Festas, colaborando o melhor possível, e facilitando a complicada e trabalhosa acção da Comissão das Festas.

Isménia Rosa da Silva

Agradecimento

Seus filhos, nora, genro, netos e mais família, na impossibilidade por falta de endereços, agradecerem a todos que directa ou indirectamente compartilharam no seu desgosto e se dignaram acompanhar à sua última morada, fazem-no por este meio muito reconhecidamente.



Tiago Augusto Alberto de Almeida

Missa do 1.º aniversário

Tiago Augusto Alberto de Almeida Júnior e Alberto Augusto Tiago de Almeida, participam que será resada missa pelo eterno descanso de seu pai, no dia 15 do corrente mês de Abril, às 9,30 horas, na Igreja Matriz de Montijo, antecipadamente agradecendo a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Farmácias de Serviço

De 7 a 13 de Abril

5.ª-feira, 7 — *Diogo*

6.ª-feira, 8 — *Geraldes*

Sábado, 9 — *Montepio*

Domingo, 10 — *Moderna*

2.ª-feira, 11 — *Diogo*

3.ª-feira, 12 — *Geraldes*

4.ª-feira, 13 — *Montepio*

Rapeec

Representações Agro-Pecuárias

ANTIGERMINA

Distribuidores nos Concelhos de:

Montijo — Palmela — Alcochete

PRAÇA 5 DE OUTUBRO, N.º 8

MONTIJO

Alfredo Sobral Dias

Oficinas:

R. José Nepomucena, 21 - Telef. 026 332

MONTIJO

Pracete fl. - Lote 13

COVA DA PIEDADE

Mecânico

Reparações e Ajustagens de Máquinas de

ESCREVER — SOMAR

CALCULAR — CHEQUES

ENCICLOPEDIA

MEDITANDO

O aparecimento da energia atômica e nuclear, abriu ao homem um vasto campo de recursos, quanto ao fabrico e aperfeiçoamento dos mais variados tipos de engenhos de destruição.

Todos os dias, de todos os continentes e em todas as latitudes, se observa o mesmo facto: o homem dominado pelos êxitos obtidos, dia após dia, no intrincado campo da «Física Nuclear», marcha em uma loucura inconcebível para uma futura eclosão mundial, — índice presumível de uma destruição completa da vida animal e vegetal à superfície do globo, — «segundo afirmam os mais categorizados homens de ciência do nosso tempo».

E, é assim, que superando toda uma série de problemas primordiais, que trariam ao Património dos bens terrenos, mais umas parcelas de bem estar, — as velocidades super-sónicas, a bomba atômica, a bomba de hidrogénio e os engenhos teleguiados, etc., absorvem as atenções dos físicos iminentes e dos grandes demagogos, responsáveis pela condução dos povos no vasto tabelado da política internacional.

É extraordinário! — O homem, este estranho ser, que vem desde Proudhon a Carlos Marx, gritando o socialismo; que se ergueu intemerato em uma luta titânica para suavisar o sofrimento humano, desde Pasteur a Fleming, e, em vãos sublimes do pensamento, transportou-se das leis empíricas de Newton à célebre relatividade de Einstein. Para quê? — para afinal em uma curta fracção de tempo, destruir tudo o que de gracioso e de belo a sua inteligência criou para a textura da vida e para a relatividade das coisas.

Porque, não experimenta o «Homo Sapiens» dos nossos dias, colher, no rescaldo das ruínas, símbolo de destruição e luto, de que foram teatro as cidades de Londres, Berlim, Estalinegrado, Hirowshima, etc., algo de proveitoso ao conceito de uma verdadeira e franca humanidade — onde o homem se dignifique e respeite, quer este seja bretão ou ianque, franco ou castelhano, lusitano ou eslavo, nipónico ou siamês? — Não são, porventura, todos cidadãos do mundo, oriundos da mesma génese, amassados com o mesmo

Por

J. A. Javares

barro, e, com os mesmos direitos biológicos de realizar esta efémera passagem pela terra — a vida?...

Pois, se assim é, porque não tentam as grandes nações um concílio Universal, no qual se tratasse seriamente do problema do desarmamento mundial, colocando ao serviço da paz e acima das suas mórbidas paixões políticas e imperialistas, o respeito pela vida do ser humano, as maravilhosas descobertas da ciência e as sublimes expressões da arte e do pensamento...

Senhores legisladores!... Em lugar de ódios e am-

bições imperialistas, criei a fraternidade entre as nações! Em lugar de canhões e bombas altamente destruidoras — máquinas para produzir mais e melhor — tornando desta maneira mais fácil e próspero o «Modus Vivendi» das pequenas nações.

Então, deste modo, os homens e as nações, guindados à plenitude das coisas belas e, estes, retomando na «Seleção Animal», o lugar que lhes fora escolhido por excelência como «Animal Superior», não mais terão necessidade de fazer da paz um pendão esfarrapado que vive amortalhado nas páginas amareladas das agendas de gabinete, nem da dor Universal um paradoxal instrumento de retórica.

ANA PAVLOVA

A maior bailarina de que se tem memória é Ana Pavlova, que durante 25 anos manteve hipnotizadas as plateias do Extremo Oriente, da América do Sul, da Europa, de todos os Estados da União Americana — enfim, do mundo inteiro. Esta é a opinião de todos críticos que presenciaram sua execução, e de todos os mestres de *ballets* que conheceram as melhores dançarinas das duas gerações anteriores à dela.

Pavlova nasceu perto de S. Petersburgo, na Rússia, em 1885, e desde criança revelava sua vocação para a carreira que escolheu, já ensaiando graciosos passinhos de dança, em que procurava imitar os vãos das borboletas e das aves. Aos oito anos a mãe levou-a para assistir ao *ballet* de *A Bela Adormecida*, de Tchaikowsky, e a menina ficou de tal modo empolgada, que cravou as unhas nas palminhas das mãos ao ponto de fazer sangue.

Aos dez anos a mãe matriculou-a na Escola Imperial, instituição fundada por Pedro, o Grande, onde a disciplina era mais rigorosa do que em muitas academias militares. Mas Pavlova já estava destinada à sua futura carreira, desde o princípio revelou grandes qualidades de bailarina, e desde essa época a sua vida foi uma sucessão de triunfos. Tanto a doença como a

fadiga não a impediam de dançar. O mundo inteiro teve a oportunidade de conhecer a célebre Pavlova, pois ela vivia para a sua arte.

A semana histórica

Coordenação de
Frei Agostinho de Penamacor
ABRIL

Dia 7 — 1498 — Vasco da Gama chegou a Mombaça.

Dia 8 — 1814 — Deu-se a batalha de Tolosa em que foram derrotados os franceses.

Dia 9 — 1865 — Nasceu em Baçal, o Padre Francisco Manuel Alves — o imortal *Abade do Baçal*.

Dia 9 — 1918 — Batalha de La Liz em que os portugueses embora derrotados se cobriram de glória.

Dia 10 — 1519 — D. Alvaro de Noronha tomou Umbra aos mouros.

Dia 11 — 1713 — Foi assinado o tratado de Utrech.

Dia 12 — 1891 — Os emigrados republicanos em Madrid publicaram o seu manifesto, no qual expunham as razões da revolta militar do Porto em 31 de Janeiro.

Dia 13 — 1695 — Morreu Jean de La Fontaine autor das *Fábulas* que têm o seu nome.

Fantasia

*Um beijo que te dei... Um que me deste...
Não mais os esqueci.
Ainda lembro as falas que disseste
Na hora em que eu parti...
E sinto ainda o teu olhar ardente
Queimando os olhos meus
Enquanto as nossas, docemente,
Se erguiam até Deus.*

*Um beijo que te dei... Fez-me sonhar
Estranhas fantasias...
Castelos cor de espuma, à beira mar,
E doidas alegrias.
Um beijo que me deste... casto, doce,
Foi um manjar divino
Que a tua linda boca à minha trouxe
Selando o meu destino.*

*Um beijo que te dei... Um que me deste...
Não mais os esqueci.
E ainda lembro as falas que disseste
Na hora em que parti.
Um beijo que te dei... Um que me deste...*

Orlando de Sousa Branco

Conto popular chinês

O julgamento da pedra

Havia, numa pequena cidade do interior um magistrado que se chamava Pao-Wen-Chin, que desfrutava de merecida fama em todo o país pela sua sabedoria.

Um dia, o juiz Pao encontrou-se com uma criança que chorava na estrada,

Acercou-se dela e com sua carinhosa voz perguntou-lhe:

— Por que choras pequeno?

O garoto entre soluços contou-lhe a sua história.

Era pobre, vivia na aldeia próxima, e vendia fritos, negócio com que auxiliava a mãe. De manhã tinha vendido todas as frituras que trouxera no cesto, e colocara-o com o dinheiro da venda em cima daquela pedra. Quando, depois de descansar um pouco à sombra de uma árvore, pretendia ir para casa, constataria que lhe tinham roubado o dinheiro.

O Juiz perguntou, indicando um pedregulho.

— E' esta a pedra?

(Continua na página 9)

execução. Mas agora ela representava só para si porque era a única coisa da terra que lhe dava prazer.

Seus braços, afinal, fraquejaram. Lembrando-se da dança ela sorriu e fechou os olhos. Pavlova estava morta.

Justiça para todos é a maior garantia que posso oferecer ao povo da minha terra

— declarou o Sr. Presidente da Câmara no seu discurso

Depois do que vi e ouvi eu pergunto a mim próprio se haverá realmente motivo para tudo isto ou se estamos em presença de um grande equívoco.

Vou pela segunda hipótese pois, por mais que cogite, por mais que recorde as diversas facetas da minha actividade como Presidente da Câmara não consigo convencer-me de que fiz algo mais do que tentar cumprir o meu dever de montijense amigo da sua terra.

Mas isto de cada um cumprir os seus deveres e até com lealdade e honestidade não pode justificar homenagens pois deveria ser coisa corrente, comum à maioria dos homens.

Mas V. Ex.^{as} quiseram incomodar-se a vir aqui e eu tenho o dever de dizer algumas palavras sobre a tarefa que julgo estar na base das vossas intenções.

Eu estou de há muito ligado aos assuntos de interesse da minha terra não só como qualquer montijense que se preza mas até por desempenho. Je cargos de vereador e Vice-Presidente da Câmara, mas ao ser convidado para a Presidência da Câmara, confesso que pensei demoradamente antes de aceitar o cargo pois não desconhecia as dificuldades que teria de enfrentar e tinha a consciência que me faltavam algumas qualidades para o cabal desempenho do cargo sempre difícil quando se idealiza um programa.

Porém, animava-me uma grande força de vontade, um fim verdadeiramente sedutor: SERVIR O MONTIJO, servir a minha querida terra natal.

Sucedeu, porém que aceite o cargo tive de iniciar uma luta titânica pois outras dificuldades se me depararam além das que eu já conhecia.

O meu fim parecia já talhado — abandonar tudo e refugiar-me comodamente no meu lar. Mas a verdade é que a minha vontade era irresistível e servida pela idade em que se tem ainda gosto pela luta, acabei por vencer.

O tempo correu célere e agora passados três anos dessa luta viril e bela verifico que nas diversas frentes de combate esmaguei a inércia, o comodismo, as irregularidades, interesses criados, etc.

Quero aqui frisar mais uma vez que nessas duras batalhas fui sempre apoiado pelo Vice-Presidente e pela Câmara Municipal que agora findou o seu mandato. Ao seu espírito de compreensão à sua eficaz e decidida ajuda nos momentos difíceis se deve parte grande da renovação levada a efeito.

A batalha não terminou falta ainda derrubar alguns obstáculos mas o que até agora se fez dá-me a grata satisfação de reconhecer que apesar de tudo valeu bem a pena.

Sempre de harmonia com a vereação municipal e seguindo a orientação de que a Câmara não deve preocupar-se somente com obras e que o Presidente tem uma missão muito para além da que lhe está lacônicamente determinada na lei especial, iniciamos de facto uma acção tendente a dotar a nossa terra de melhoramentos que constituíam aspiração dos nossos avós e que já vão surgindo talvez lenta mas seguramente.

Essa acção estendeu-se a todo o concelho e não só à vila pois as freguesias rurais têm também direito até estabelecido na lei de serem dotadas de melhoramentos indispensáveis que o progresso já hoje lhes pode proporcionar.

Apraz-me frisar esta faceta da actividade da Câmara no momento em que se fala de

alteração de limites e criação uma nova circunscrição administrativa.

As nossas freguesias rurais receberam mais melhoramentos nestes últimos quatro anos do que em muitos anos atrás.

Noutro sector já mais afastado da órbita do Município mas muito importante e que diz respeito a toda e qualquer actividade que possa valorizar e prestigiar o Montijo também a Câmara empregou os seus melhores esforços sem prejuizo das restrições impostas por lei.

Por mim como Presidente da Câmara e especialmente como magistrado administrativo procurei também animar estimular e colaborar com essas actividades.

Olho com igual simpatia as instituições de assistência a quem dedico particular atenção. Jamais deixei de velar pela sua boa administração e tentar resolver os seus problemas, embora esta minha acção nem sempre seja compreendida mas até deturpada como sucedeu.

Merecem igualmente o meu carinho as colectividades de recreio e desporto pois vejo nelas as melhores manifestações de propaganda e vitalidade da nossa terra e acima de tudo verdadeiros valores do Montijo.

Isto é, a par das grandes realizações materiais havia que cuidar igualmente das coisas do espírito talvez de menor projecção mas de igual necessidade.

Criou-se uma política que podemos designar por MONTIJISMO — isto é, defesa encarniçada e intransigente de tudo o que de qualquer modo interessa a nossa terra. Esta política é a que tem orientado as minhas decisões e as deliberações da Câmara.

Mas para lhe dar realização nestes três anos tenho ferido interesses inconfessáveis, situações comodas e negligências condenáveis, o que me tem acarretado dissabores, perdas de amizades, etc. etc.

Feito porém um exame de consciencia chego à conclusão de que nada tenho a rectificar nesta conduta rígida, por vezes dura mas sempre honesta, sempre leal, sempre a bem do Montijo.

Sou assim mesmo e não tenho especial interesse em modificar-me só pela simples razão de agradar seja a quem for.

Interessa-me somente o bem da minha terra e para isso emprego os melhores esforços até com prejuizo da minha vida particular visto que não é esta a minha profissão.

Orgulho-me porém de poder afirmar sem receio e desmentido que sempre que tenho de decidir faço-o com o maior espírito de justiça — isto é: sem cuidar de saber se estão em causa amigos ou desconhecidos.

Justiça para todos é a maior

garantia que posso oferecer ao povo da minha terra, ao povo humilde que me viu nascer e crescer e que hoje quiz vir aqui também saudar-me.

Voltando às primeiras palavras confirmo que na verdade não me são devidos quaisquer agradecimentos. O que se fez ou que aconteceu nestes três anos deve-se a um número considerável de pessoas de boa vontade, número esse de que certamente, faço parte segundo parece deduzir-se da vossa presença aqui.

Sou eu que tenho de agradecer a todos: Câmara Municipal, Juntas de Freguesia outras entidades oficiais ou particulares e até simples munícipes.

Sem o seu elevado espirito de compreensão e dedicada ajuda que sempre me foi prestada em momentos difíceis eu teria sossobrado ingloriamente.

* * *

Permitam-me V. Ex.^{as} um parentese para uma referência especial à enternecedora presença das criancinhas beneficiadas pela Colónia Balnear que funcionou na praia do Montijo.

Tenho filhos pequeninos e talvez por isso sinto apaixonadamente o problema das criancinhas desprotegidas.

A linda presença dos seus sorrisos de agradecimento cala profundamente no meu coração.

O facto de se tratar de uma iniciativa puramente particular e beneficiar os mais humildes e pequeninos habitantes da minha terra e muitos até do meu bairro inundam a minha alma de uma satisfação que não posso esconder.

Meus amigos:

Eu pretendi recusar esta manifestação pois não sou homem talhado para estas cerimónias. Aceitei depois que me prometeram que se tratava de simples apresentação de cumprimentos.

Reconheço que fui enganado mas o mal está feito e agora só me resta agradecer a vossa amabilidade e até o sacrificio dos que se deslocaram.

Creiam de que me sensibilizou profundamente esta vossa prova de estima que jamais esquecerei.

Do fundo da minha alma me confesso verdadeiramente agradecido.

A todos muito e muito obrigado.

(Discurso proferido pelo Sr. Presidente da C. M. M., na sessão de homenagem de domingo 3 de Abril)

Isto é Montijo

Horário

Rádio Peninsular:

2.^{as} e 5.^{as}-feiras, às 13,40 h.

3.^{as}-feiras, às 20 horas

Rádio Restauração:

Todos os dias, às 10,30 horas

Imagens da manifestação



O Presidente da Câmara Municipal, Sr. José da Silva Leite, agradece, emocionado, a manifestação de que foi alvo



Um aspecto de parte do cortejo e da multidão aguardando a chegada do Sr. Presidente às janelas do Município



Na Sala das Sessões no momento em que o Sr. Manuel Lino, representante das Colectividades Recreativas de Montijo, proferia a sua alocução



No final da sessão, o Sr. José da Silva Leite, escuta o Hino de Montijo, que as bandas locais executaram em conjunto

Vai casar?

Se o fizer, recomendamos-lhe o caminho da felicidade.

ENCOMENDE O SEU LANCHE

NA

Pastelaria Ribatejana

Praça da República, 38 - Com o telefone 026258

MONTIJO

No próximo número, daremos mais alguns extracitos de discursos, proferidos na homenagem ao Sr. Presidente da C. M. M., assim como algumas notas de reportagem que, por falta de espaço, não puderam ser incluídas hoje.

A homenagem ao Sr. Presidente do Município

(Continuação da página 3)

tória de Montijo, Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Musical Club Alfredo Keil, Ateneu Popular de Montijo, Grémio da Lavoura, Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Corticeira, Tertúlia Tauro-máquica, Casa do Povo de Canha, Santa Casa da Misericórdia de Montijo e Canha, União Atlético Clube Afonsoeirense, Cooperativa dos Trabalhadores Rurais, Sociedade Recreativa do Alto das Vinhas Grandes, e muitas outras representações sem bandeira ou distintivo especial que os identificasse, tais como: O Cirio Novo representado pelo sr. José Domingos Miranda da Jardim, «Os Canários» da Atalaia, a Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense, o Bairro do Afonsoeiro representado pelo sr. Manuel Soares Póvoas, a Sociedade Columbófila de Montijo, e a fechar o cortejo a Banda da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, seguida de muito povo.

Ao chegarem junto do edifício da Câmara Municipal as Bandas tocaram os respectivos hinos aparecendo nessa altura às janelas o Sr. Presidente José da Silva Leite, acompanhado do sr. Vice-Presidente, vereadores e funcionários.

* * *

Na sala das sessões tudo estava a postos, repórteres fotográficos, da rádio e dos jornais ultimavam os seus preparativos. Muitas senhoras, e todas as representações com seus estandartes à medida que vinham chegando se iam colocando por detrás da mesa de honra formando um colorido fundo.

Quando o Sr. José da Silva Leite, tomou a presidência da mesa ladeado pelo sr. António Serra e respectiva vereação ouviu-se por toda a sala uma prolongada salva de palmas e vivas saltados pelas crianças da da Colónia Balnear Infantil.

Pelo sr. Ruy de Mendonça,

director do nosso jornal foi lida correspondência recebida até esse momento que incluía algumas dezenas de cartas e telegramas, das mais variadas procedências.

Assim anotámos saudações enviadas pelos srs. Dr. Correia Figueira, antigo Governador Civil de Setúbal, Carlos Hidalgo Loureiro, Manuel Galdes da Silva, Eng.º Agr.º António de Oliveira Soares, Aurélia Moreira Farrim, Prof. José Manuel Landeiro, Francisco José da Silva, Padre Munuel Gonçalves dos Santos, Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense, Ateneu Popular de Montijo, Sociedade Columbófila de Montijo, Cooperativa União dos Trabalhadores Rurais, Operários Corticeiros, e telegramas dos srs. Drs. Correia Figueira e Jorge Antunes, João de Brito, Delegado de Saúde, Gabriel do Carmo, Manuel Ferreira Gonçalves, Legião Portuguesa de Montijo, José Alberto Marques de Albuquerque, António dos Santos Nunes, Funcionários da Brigada de Trabalho Prisional, a família Rêpas de Albuquerque, e Igreja Evangélica de Montijo, muita outra correspondência e telegramas foi dirigida pessoalmente ao homenageado pelo que não podemos tomar nota.

Dada a palavra ao sr. Oliveira Santos que representava a Comissão Organizadora da Homenagem disse este senhor:

«Quis a digna Comissão promotora deste movimento de simpatia popular, da qual me considero o elemento de menor préstimo, que fosse eu, em nome colectivo, a proferir algumas palavras nesta memorável sessão solene de merecida homenagem a V. Ex.ª. É um voto de confiança com que os Amigos do Montijo entenderam distinguir-me, que muito me sensibiliza, e do qual procurarei desempenhar-me o melhor possível.

Não se me afigura tarefa difícil, aliás esta de trazer a V. Ex.ª, primeiro que tudo, a mensagem de saudações cordiais dos colegas que em mim delegaram essa missão gratíssima. E depois dos nossos efectivos cumprimentos, vêm, fervorosas e entusiásticas, as homenagens da multidão que enche esta sala nobre e vibra, no

exterior, em torno do edifício dos Paços do Concelho.

Solicita, a população montijense acudiu ao nosso convite. E acudiu, é de crer, porque o compreendeu e achou conforme o seu pensamento e ao seu desejo mais caro e mais sincero. A sua pronta comparência à «chamada», expressa na torrente de Povo que acudiu a solidarizar-se conosco, ofertando, generoso, o apoio moral da sua concordância com a política seguida pelo chefe da «Casa do Montijo», fala com mais eloquência do que as minhas próprias palavras. Diz tudo! Diz da estima que os munícipes tributam a V. Ex.ª e exprime, ao mesmo tempo, a gratidão que palpita no coração de todos e eu interpreto aqui, convívio, certo de que não me iludo nem reproduzo erradamente o pensamento dos que vieram render louvor a quem por ele terçou armas e o soube conquistar dignamente!

Livre de peias ou malévolas insinuações, o Povo ainda é, em minha opinião, o magistrado mais íntegro para julgar estas nobres questões de Consciência. A sua presença nesta homenagem e o entusiasmo denotado, opulento de fé na sorte e prosperidades do torrão-natal, são o trecho mais belo de literatura que eu poderia ter imaginado para compor esta breve dissertação.

Nutrem admiração por V. Ex.ª. Entendem, e muito acertadamente, que V. Ex.ª tem sido, com desassombro e honradez, o conquistador diligente de uma série notável de melhoramentos para o Concelho—e vieram em massa, impulsionados pelos efeitos do «milagre» operado, afirmar que estão com o Presidente do seu Município e aplaudir, sem restrições, a obra por ele já realizada!»

A finalizar o sr. Oliveira Santos focou ainda a acção do sr. José da Silva Leite como grande benemérito e abraçou o homenageado.

Foi dada a seguir a palavra ao sr. Dr. Manuel Maurício, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Canha, que em nome das Freguesias do Concelho, apresentou ao sr. Presidente as saudações do povo, cuja representação lhe estava confiada, confirmando mais uma vez o muito agradecimento que todos tinham pela obra desenvolvida pelo Presidente e o interesse manifestado durante a sua gerência pelas freguesias do concelho.

Canha especialmente grata pela sua constante boa vontade em auxiliar as suas obras de assistência vinha ali com numerosa representação manifestar o seu apreço, e felicitá-lo pela acção desenvolvida nestes três anos de Presidência.

Várias vezes interrompido por aplausos da assis-

tência, o sr. Dr. Manuel Maurício foi no final muito ovacionado.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. José Augusto Simões da Cunha que representava as Instituições de assistência.

Damos a seguir algumas passagens do seu discurso:

«Três anos de trabalho proveitoso!

Englobando o aspecto geral da sua boa administração, destaca-se na magnificência e esmero da sua obra, a faceta brilhante do seu belo carácter (reflexo do seu bondoso coração) na solidariedade com os desprotegidos da sorte procurando quer oficialmente, quer do seu bolso particular, suavizar o mal alheio».

«Elevado o nosso Concelho a 1.ª classe, no interesse meramente imposto pela bondade do seu coração num rasgo nobilitante e bem digno de ser apontado como exemplo, o sr. Presidente da Câmara, repudia benesses do seu cargo para o seu bolso particular e destina integralmente os seus honorários para as Casas de Caridade.»

E a terminar: «Os homens bons ainda não desapareceram e ainda há quem se sacrifique por dedicação: José da Silva Leite é um belo exemplo.

Os factos apontados rebrilham por si mesmo e nesta hora de verdadeira consagração, para maior grandeza do seu prestígio, aqui fica publicamente em nome das Casas de Caridade: Um muito obrigado!»

Pelas Colectividades Recreativas falou o sr. Manuel Lino, Vice-Presidente da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro.

São do seu discurso os trechos que se seguem:

«Aqui viemos de livre vontade, sem coacção e sem outro ideal que não seja o de lhes prestarmos as nossas homenagens, pelos seus elevados dotes de carácter, de benemérito magnanimo e extraordinário homem de trabalho que aos problemas da sua terra tem dedicado o melhor do seu esforço, sabe-se lá quantas vezes com prejuízo das suas actividades particulares que bastas são».

«Se nos é permitido pe-

dimos a V. Ex.ª, que continue a dispensar ás Agremiações Recreativo-Desportivas de Montijo, uma parcela da sua actividade, pois elas representam forças vivas, onde se congregam os pensamentos de milhares de montijenses que labutam no dia a dia, para engrandecimento da terra que os viu nascer, ou, hospitaleiramente, os recebeu, como boa mãe, para os amparar na Vida».

Terminou dizendo:

«Sem o dinamismo de V. Ex.ª, sem a sua vontade indomita de vencer, sem o seu querer, jamais as Festas Populares de S. Pedro teriam a repercursão que hoje possuem e as guindaram ao mais alto cume, de modo a fazer parceria com as mais afamadas de Portugal.

Com as mais afamadas afirmamos, pois quanto às mais belas... duvidamos!

Muito e muito obrigado senhor Presidente!

Em boa hora assumiu V. Ex.ª, as mais altas funções dentro da Autarquia local.

Formulamos os melhores votos para que continue no desempenho das suas funções, por bons e largos anos, pois Montijo necessita de marchar na vanguarda e só poderá conseguir com homens da sua envergadura.

Bem haja Senhor Presidente!

Que Deus o abençoe.»

A sr.ª D. Laura Bernardes falou a seguir pela Colónia Balnear Infantil agradecendo em nome das crianças protegidas a acção do sr. José Leite como grande filantropo e criador desta interessante obra.

Seguiram-se no uso da palavra os srs. Manuel Soares Póvoas, representante do Bairro do Afonsoeiro e o sr. Francisco Vicente Lucas e o secretário do Asilo de S. José, que foram muito aplaudidos.

No final o sr. Presidente da Câmara sr. José da Silva Leite proferiu o brilhante discurso que noutro local publicamos.

Depois da sessão as crianças da Colónia Balnear Infantil acompanhadas pela sr.ª D. Laura Bernardes, dirigiram-se a casa do sr. José da Silva Leite, onde foram agradecer a sua Esposa o auxilio prestado a obra de seu marido.

José Teodósio da Silva

(Herdeira)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda Water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos

6-Rua Formosa, 8-Telef. 026 294

Montijo

Pneus MABOR

MEDIDAS
EM STOCK
PARA

MONTAGEM

Automóveis e Camions

e assistência técnica Gratuitas

Representante Oficial;

MARPAL, L.ª

Rua José Joaquim Marques, 27

Telefone 026 151

MONTIJO

**R
A
RAPEC
E
C**

Representações Agro-Peruárias

Suplementos alimentares:

Penibêdoze - Vitalon - Microvit - Peni-
-vitam - Sais minerais, etc.

Pintos de raça importados - Antigermina

Praça 5 de Outubro, n.º 8

MONTIJO

Setúbal

GOVERNO CIVIL — A Comissão Rural Pró-Melhoramentos do Poceirão chefiada pelo sr. Ten. João Branco Pardal, impulsor e defensor dos problemas da região, acompanhado da Ex.^{ma} Sr.^a D. Pilar de Carvalho, grande benemerita e delegada da Obra das Mães, apresentou cumprimentos ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Miguel Bastos.

Nesta audiência foram focados vários problemas do Poceirão, algumas antigas aspirações das gentes daquela rica região vinícola, destacando-se a construção da igreja, captação de águas para abastecimento dos povos, limpeza dos arruamentos com a remoção de lixos para local adequado, construção de estradas que sirvam os interesses da região.

O sr. Governador Civil foi duma amabilidade extrema para com os comissionados, e prometeu tratar dos assuntos apresentados, facto este que deixou os ilustres visitantes, muito satisfeitos.

PETIÇÃO — Os talhantes do concelho da Moita, apresentaram uma petição ao nosso Governador Civil, no intuito de o dia de descanso semanal, passar de sexta para segunda-feira, autorização que já vigora noutros concelhos. Foi prometido pelo Chefe do Distrito, tratar do assunto junto das entidades competentes.

COMANDO DA POLICIA — Foi alvo duma homenagem o Sr. Tenente Alvaro Martins de Carvalho, adjunto do Comando da Polícia de Segurança Pública, desta cidade, prestada pelo pessoal da P. S. P. ao completar à pouco um ano de actividade, tendo neste espaço de tempo conquistado as simpatias gerais dos seus superiores e inferiores.

No gabinete do Comando Distrital, Sr. Capitão Manuel Filipe Mexia, que presidiu ao acto, e teve palavras de estima para com o homenageado, fez-lhe a oferta de um seu retrato, bem emoldurado.

Este agradeceu muito reconhecendo as provas de deferência de que era alvo, por parte de toda a Corporação.

REGIMENTO DE INFANTARIA 11 — Esteve nesta unidade o Sr. Brigadeiro-Inspector da 5.^a Inspeção de Infantaria, Carlos Alberto Barcelos do Nascimento e Silva, que se fazia acompanhar do seu ajudante, Major João Augusto de Sousa Cruzeiro.

Inspeccionou a «Escola Preparatória de Quadros» para a próxima incorporação de recrutas.

A incorporação deste ano será de 700 recrutas e teve lugar de 31 de Março p. p. a 4 de Abril.

— Na Sociedade Musical União Setubalense realizou-se no domingo passado o 1.^o sarau dançante integrado no programa de festas em comemoração do 56.^o aniversário desta colectividade.

A sala estava ornamentada a bom gosto com efeitos de luzes surpreendentes.

O conjunto José da Silva, do Barreiro, animou o ambiente, em substituição da Blue Star Melody, por um dos seus elementos estar doente, viu-se assim privada de dar colaboração a esta festa. — C.

Mistérios Rosacruz

Todo o investigador sincero que procure a suprema verdade e o poder místico conhecidos pelos antigos sábios, pode escrever solicitando um exemplar grátis do livro «O DOMÍNIO DA VIDA». Esta obra remete-se sem compromisso algum aos que desejem estudar a leis superiores da Natureza e da ciência mental.

ESCRIBANO III

Templo de A. M. O. R. C. (Parque Rosacruz)
San José, Califórnia, E. U. A.

Vem a Montijo?

Procure o

Café Restaurante Barral

Rua da Barrosa // Telef. 026 202

Boas refeições aos melhores preços

só no BARRAL

Noticiário Regional

Odemira

JANTAR DE HOMENAGEM — Realizou-se no passado dia 28 de Março, numa das salas da Sociedade R. Odemirense, um jantar de homenagem ao Meritíssimo Juiz desta Comarca, sr. Dr. Francisco Ferreira Conrado, em virtude de, proximamente, deixar de exercer, nesta Comarca, as suas funções.

Homenagem a todos os títulos justa, pois o homenageado, além do seu modo simples e maneiras desafectadas, é possuidor de um carácter integérrimo e vincada personalidade, contando, por isso, inúmeros amigos, entre todas as classes sociais.

Durante o repasto, trocaram-se amistosos brindes, tendo usado da palavra o sr. Carlos Júlio, Presidente da Câmara Municipal de Odemira; Drs. Fernando S. Agudo, médico; Nobre Ribeiro, notário e advogado, nesta comarca; e João Centeno, advogado, de Lagos.

Todos exalçaram as qualidades do homenageado, quer como magistrado quer como cidadão e dizendo ainda da sua alegria, pela sua promoção a 2.^a classe e da mágoa do verem partir.

A todos o digno magistrado agradeceu, num brilhante improviso, pondo em destaque que, a maneira como viveu em Odemira, só lhe foi possível pelo desdobraimento da sua personalidade, que lhe permitiu cumprir, inteiramente, como magistrado e, nas suas relações sociais, como cidadão.

Por intermédio do jornal «A Província», expressamos os nossos desejos de inúmeras felicidades na sua brilhante carreira, tornando-os extensivos à Ex.^{ma} Esposa e Filhinha, daquele magistrado. — C.

Sarilhos Grandes

FESTAS — Realizou-se no passado domingo 27, no Juventude Futebol Clube Sarilhense um grandioso baile da Pinhata obrihantado pela orquestra Realce da Moita. Foram eleitos os «Reis» para 1955, sr. Custódio da Cruz e a menina Custódia Romão.

ACADEMIA MUSICAL UNIÃO E TRABALHO — No domingo, 10 de Abril de 1955 (Páscoa) às 16 horas, realizou-se um esplêndido Concerto Musical levado a efeito pela banda desta colectividade, no coreto local.

A's 21 horas, realização na sede, de um grandioso baile, que será abrilhantado pelo famoso Conjunto Musical «Reis da Alegria», de Montijo com o seu distinto vocalista Francisco Esperança.

Nesta noite proceder-se-á à eleição da Miss Sarilhense de 1955.

Transportes assegurados para Barreiro até às 22,18 e para Montijo até às 0,48 de segunda-feira. — C.

Pinhal Novo

Na parte sul desta freguesia, à aproximadamente 4 meses que desapareceu o receptáculo do correio, que ali foi colocado por representação dirigida a sua ex.^a sr. Director Geral dos Correios e Telégrafos.

Os habitantes do local onde se encontrava o referido receptáculo perdem tempo precioso em se deslocarem ao edifício dos correios, que se encontra aproximadamente à distância de 1 quilómetro.

Pelos prejuízos que está causando a falta da caixa do correio naquele lugar, perguntámos a um funcionário dos Correios e Telégrafos.

— O que é feito do receptáculo? — Está em reparação — respondeu o funcionário.

Não percebemos de reparações de receptáculos mas... parece-nos que em 4 meses poderiam ser reparadas algumas dezenas de caixas postais.

Pelas razões apresentadas, que achamos justas, solicita-se a sua ex.^a sr. Director Geral dos Correios e Telégrafos, que seja colocando o receptáculo em falta nesta localidade.

— A Junta de Freguesia desta localidade, vai concluir as obras da sua nova sede, onde também ficam instalados os serviços da repartição do Registo Civil.

— Reuniu a Comissão de Melhoramentos desta freguesia, para tratar de assuntos de interesse local, ficando resolvido aguardar a visita do sr. Presidente da Câmara Municipal de Palmela. — C.

Tramagal

O aparecimento do Semanário «A Província», não podia deixar de ser recebido com manifesto e compreensivo regozijo, pois que, um jornal com as suas características, será sempre bem acolhido por todas as pessoas sensatas e predispostas à leitura simples, clara e intuitiva, para desenvolvimento do seu intelecto. Sendo neste âmbito que «A Província», e disso tenho a certeza, conquistará em todos os meios sociais do país, uma singular simpatia e desejo premente de que o correio lhes bata à porta.

É certo que hoje para se conseguir manter a publicação de um jornal, não basta só a dinâmica vontade dos que põem ombros a essa tarefa, para isso, é indispensável a colaboração de todos aqueles que já têm a noção de que nem só de pão vive o homem.

Também é certo que hoje, à maioria das pessoas se torna difícil assinar um jornal mesmo semanário que seja — dados os seus minguados recursos, mas afora isso todos esses devem procurar de facto a leitura amena, sóbria e realista para que a moral e a civilização persistam entre os homens. Sendo esta concepção de suma importância para a formação consciente das futuras gerações.

Aqui fica pois os meus sinceros votos de felicitações aos inspiradores e realizadores de «A Província» para bem de todos os portugueses. — C.

Alfarelos

DESASTRE — Causou a mais profunda impressão nesta localidade, onde era geralmente estimado, a morte do factor da C. P. João Gomes da Costa, casado, de 52 anos de idade em consequência do desastre ocorrido na estação do caminho de ferro quando, por volta das 4,30 da manhã, dirigia o serviço da distribuição dos vagões do comboio 53 destinados a outras linhas. Ajudando a arrumar um vagão que não atingira o seu lugar ainda, recebeu este novo choque de encosto do referido comboio em manobras, do embate resultando ter caído à linha e ser colhido pelos rodados que lhe esmagaram o crâneo dando-lhe morte instantânea. O funeral realizou-se no passado dia 30 da sua residência, até onde foi conduzido depois de cumpridas as formalidades legais, para o cemitério local.

Também o carregador José Januário Ferreira, auxiliar das manobras, sofreu com o embate, forte contusão torácica e vários ferimentos. Conduzido ao Hospital da Universidade de Coimbra, onde foi tratado, regressou a sua casa, em Figueiró do Campo, onde continua em tratamento.

O falecido João Gomes da Costa deixa viúva e dois filhos — C.

Cuba

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Causa tristeza dizê-lo mas forçoso é confessá-lo que em Cuba poucas são as iniciativas nobres que progridam. Cuba, como tantas outras terras, orgulhava-se de possuir uma corporação de Bombeiros voluntários. Depressa, porém, se cansaram e hoje a referida corporação já não existe.

Não acusamos este ou aquele; se culpa há, porque a há evidentemente cabe ao povo cubense que não sabe acarinhar e estimular as grandes iniciativas que sirvam de base ao progresso da sua terra.

Todavia e porque reconhecemos ser de justiça, aqui endereçamos as nossas homenagens a aqueles que contribuíram e trabalharam com afinco para a criação do corpo de Bombeiros e em especial a Dig.^a Câmara de Cuba que muitos parecem ignorar os grandes esforços que fez para tal iniciativa.

SPORT LISBOA E CUBA — Segundo alguns boatos que correm pensa-se em abrir em Cuba uma filial do Sport Lisboa e Benfica. Não sabemos o que há de verdade sobre o assunto, o que sabemos, isso sim, é que nesta terra há mais simpatizantes do Benfica que do Sporting.

Ora como temos uma filial do Sporting de Portugal, seria uma medida acertada que abrissem uma do Benfica, que mais não seja para o desporto de Cuba ressuscitar, porque há bastantes anos que deu a alma ao criador.

A ser verdadeiro o boato só temos que felicitar quem tal idéia teve e daqui o instigamos a não desistir. Pelo nosso lado e com a melhor das vontades oferecemos os nossos pequenos préstimos pondo as colunas de «A Província» ao dispor de tão simpática iniciativa.

Avante pois, e que sejam coroados de êxitos os vossos esforços, são os nossos votos. — C.

Beja

A' GUIA DE INTROITO — Um jornal foi sempre, e continuará a ser, uma empresa de veras arriscada.

Foi talvez por gostarmos do perigo que nos habituámos a admirar os homens que «erguem» jornais. Admiramo-los também porque vemos neles, pessoas de ideal firme, fortes de espírito e vontade. Individuos que chegam a fazer desse sonho (mas o que é que não é sonho na vida?) um familiar dos mais queridos.

Poucos são aqueles que subjugados por essa idéia, fundar um jornal, desistem aos

Correspondência

Ricardo R. da Silva — Portalegre — Muito obrigado pelo seu postal. Tudo foi anotado. Os nossos cumprimentos.

Izilda Coelho Sampaio — Vendas Novas — Mil vezes obrigado pelos assinantes que indicou. Acusamos também os 30 escudos enviados, 20\$00 em seu nome e 10\$00 que creditamos em D. Maria Feliciano Teixeira Martins, estando pagos portanto os números de 1 a 20 e 1 a 10 respectivamente. Começa também a fazer parte do concurso «O Campeão ou Campeã de «A Província». Mais uma vez lhe apresentamos os nossos agradecimentos com desejos de mais notícias aí dessa ridente vila de Vendas Novas.

Afonso da Silva Campante — Tramagal — Brevemente lhe escreveremos. Contudo desde já lhe agradecemos os nomes dos possíveis assinantes e dos assinantes de facto, propostos. Já notámos que temos componentes á altura.

Em nome de «A Província» muito obrigado. «A Província» será exactamente o que pensa.

Alfredo Campos Lopes — Vila Real de Santo António — Baste regozijados pelas vossas simpáticas palavras, informamos nesta data enviar pelo correio os vossos pedidos, considerando-o assim também nosso assinante. O pagamento é feito pelo correio à cobrança por o mínimo do 20 números (fora do Montijo).

Avelino Ascensão Ramalhele — Lisboa — Para Lisboa a assinatura é no mínimo de 20\$00 para 20 números. Nesta data ser-lhe-á enviado o n.^o 1 de «A Província», pedido.

Lázaro Gil Ejarque — Lisboa — Acusamos os 20\$00. Está pago portanto de 1 a 20. Foi anotado também o vosso pedido. Os nossos agradecimentos e desculpas pelas omissões.

Fernando Vidigal Alves — Setúbal — Cá recebemos mais uns possíveis assinantes. Mande sempre.

primeiros ataques (e tão atacados são eles!) porque conhecem bem o seu valor e a vontade férrea que os assiste.

Sabem quais os escolhos que não de encontrar no caminho — tormentoso caminho esse.

Sabem isso e muito mais. Até sabem que quando a «caravana» é boa e forte, bem podem os cães ladrar, porque ela passa decerto.

NOTICIÁRIO — Realizou-se no pretérito dia 30 no salão nobre da Câmara Municipal, mais um concerto duma série que a delegação da «Pró Arte» tem estado a promover em Beja. Desta vez ouviu-se o talentoso professor da Conservatória Nacional, sr. Fernando Laires, que obteve um grande êxito.

— Em Aljustrel, integrada na Campanha Nacional de Educação de Adultos, e com colaboração da Empresa das Minas de Aljustrel, inaugurarse-á dentro em breve uma biblioteca.

— No edifício onde esteve instalado o Hospital Militar, e que foi entregue à diocese de Beja, vai ser criada uma instituição de caridade, destinado às raparigas pobres que tomarão nome de Casa de Santo António.

INFORMAÇÃO DESPORTIVA — Para manter em actividade a sua equipa de honra até ao fim da época, o Desportivo de Beja, começou a organizar uma série de jogos particulares, com a vinda da Cuf do Barreiro, que aqui perdeu por 4-1. Diz-se que a seguir, visitarão esta cidade, o Atlético de Portugal e o grupo representativo da cidade espanhola de Badajoz.

— Marcial Camiruaga que há duas épocas exerce as funções de treinador-jogador do Desportivo local, foi há dias alvo de uma homenagem dos desportistas bejenses. No jantar, que teve elevado número de inscrições, trocaram-se palavras do mais alto significado clubista. — C.

SALINEIRA MONTIJENSE

DE

JAIME PEREIRA CRATO ARAÚJO

Sal para Consumo público, aos melhores preços do mercado

A Salineira Montijense,

Sempre pronta a bem servir, aguarda as ordens dos seus estimados clientes e amigos.

R. António Semedo, 12 (junto ao novo mercado)

MONTIJO

DESPORTOS

Belo triunfo alcançado por uma equipa que quis vencer

Embora não fosse coerente, muitas eram as pessoas, das que «sentem» os problemas do C. D. M., que acreditaram nas possibilidades da «rapaziada».

Nós figurávamos nesse número!

Presentíam-se que algo de belo ia acontecer.

Que era tempo de acabar o mal que nos vinha afligindo.

Todavia, a que atribuir tão surpreendente triunfo?

Sob o nosso ponto de vista, apenas uma causa influiu na vitória do C. D. M. — a grande vontade de ganhar.

E quem teve a dita de assistir ao emocionante prélio, verificou que a equipa montijense, desde o início até ao final, mostrou-se em-

penhada na luta, cerrando os dentes, desbaratinando a infelicidade, teimando, teimando sempre, até conseguir a conquista dos preciosos dois pontos que, sortiliosamente, lhes pretendiam fugir.

Parabéns, rapazes! Honrastes as camisolas que envergais como o sabem fazer apenas os atletas de boa ténpera.

Cumpristes o vosso dever conscienciosamente.

Mais uma vez, parabéns!

Reflectimos bem se devíamos fazer esta ligeira observação, neste momento, em que os nossos corações regozizam de prazer pela vitória de domingo.

Todavia, ficaríamos mal com a nossa consciência, se não chamássemos a atenção de determinados futebolistas que, inexplicavelmente, demonstram uma apatia censurável, no decorrer dos encontros.

Apelamos para o bom senso dos atingidos, de modo a que não possa vir a ter gravidade, que lhes seria

prejudicial, a continuação dessa atitude pouco recomendável.

Nós temos confiança nas vossas possibilidades!

Deveis incutir-nos, também, a necessária confiança, para continuarmos a crer em vós. — M. L.

Campeonato Nacional da 3.ª Divisão - 6.ª Série

1.º de Maio de Sarilhos Pequenos, O Seixal, 1

Em virtude da interdição do seu campo, o 1.º de Maio realizou este jogo no Campo Luís d'Almeida Fidalgo, nesta vila.

Sob a arbitragem do sr. Décio de Freitas, de Lisboa, as equipas formaram:

1.º de Maio: Armando; Graciano e Caetano; Custódio, F. José e Gomes; Bento, Banana, Mário, Miranda e Graciano.

Seixal: Barroqueiro; Germano e Luciano; Tavares, Arthur e Esmael; Portela, Octávio, Narciso, Beira e Rosário. Os sarilhenses apresentaram 5 elementos de reserva e o Seixal 2.

No 1.º m de jogo o Seixal colocou-se em vencedor, com um golo marcado por Narciso, mal ainda as equipas tinham tomado contacto com a fisionomia da partida.

Os sarilhenses não acusaram o toque e lançaram-se ao ataque, com grande entusiasmo, pertencendo-lhes até final do 1.º tempo, constante domínio, que não souberam aproveitar para transformar o resultado. No segundo tempo ainda foram eles os grandes animadores do encontro, pecando novamente por falta de remate. E sem mais nada de respeito, a partida terminou com 1-0 a favor do Seixal.

A arbitragem muito fraca.

Elisiário J. Carvalho

Sociedade Columbófila de Montijo

Calendário da Campanha Desportiva de 1955
MÊS DE ABRIL

Dia 3 — Valença do Minho — 368 Km.

Dia 10 — Corunha — 530 Km.

Dia 17 — Castelo Branco I — 158 Km.

Dia 24 — Régua — 292 Km.

Classificação da prova Coimbra a Montijo, 163,8 Km. 20 de Maio de 1955. Pombos inscritos, 509.

Joaquim S. Lopes, 1.º, 5.º, 17.º e 33.º; Eduardo Santos Baeta, 2.º, 29.º e 40.º; Jorge S. Lopes, 3.º; José Martins de Barros, 32.º; Victor M. M. Viegas, 4.º, 7.º, 15.º, 20.º, 22.º, 25.º, 28.º e 30.º.

Francisco J. V. e Castro, 6.º, 12.º, 13.º e 23.º; João T. da Silva, 8.º e 9.º; Eduardo S. Terras, 10.º; Francisco A. M. Calipa, 11.º; José Correia Leite, 14.º; Orfanato de Montijo, 16.º e 31.º; Raul L. Martins, 18.º; Diogo M. Tavares, 19.º, 21.º, 26.º, 27.º e 37.º; Benjamim N. Silva, 24.º; José J. A. Soeiro, 34.º; António F. Nunes, 35.º e 36.º; José J. V. Rodrigues, 38.º; Francisco J. Silva, 39.º.

Classificação «Equipa de Velocidades»: 1.º — Joaquim S. Lopes, 60 pontos; 2.º — Francisco J. V. e Castro, 47 pontos; 3.º — Victor M. M. Viegas, 37 pontos.

O jogo no Estoril visto por Raul

No passado domingo o C. D. M. arrancou uma valiosa vitória no campo da Amoreira, triunfo tão merecido quanto inesperado, foi obtido graças à actuação valorosa de alguns jogadores, no número dos quais apontamos Raul que nos relata como viu o jogo.

Fomos para o Estoril com uma enorme vontade de desfazer a má impressão causada nas jornadas anteriores.

Sabíamos as dificuldades que esta deslocação nos trazia, não só pelo adversário a defrontar, ser considerado, sem favor, das melhores equipas do torneio, mas, também, por termos que transportar o peso de dois reveses, verdadeiramente anormais, que para o moral da equipa representavam um mal quase que irremediável.

Por isso, tínhamos que dar tudo por tudo!

E estou crente que a falange de apoio representando aqueles «carolas» de todo o sempre, não saiu desiludida com a vontade de vencer que todos nós revelámos de princípio ao fim.

Nunca nos considerámos vencidos, embora fôssemos tentados a isso, pela marcha diabólica que o jogo tomou na 2.ª parte.

Na minha opinião o Montijo fez um bom jogo. Sem roçar o brilhantismo, como falsamente se poderá supor, esteve, no entanto, seguro na defesa, diligente no transporte do jogo à frente e com os avançados a fazerem um jogo prático, aproveitando quasi todas as oportunidades de golo.

Digo «quasi todas» porque fui eu quem perdeu a ocasião mais flagrante.

Na primeira parte, começámos a jogar com cautela, mas procurando sempre a oportunidade de golo, sem contudo o conseguir.

No segundo tempo, as coisas modificaram-se e, assim, pudemos contruir uma vitória que não está ao alcance de qualquer equipa.

Não tinha ideia de citar nomes porque todos foram bons artífices do triunfo, porém seria injustiça omitir o nome do meu colega Quím Zé, sem dúvida o melhor de todos nós.

Sempre que ele «quer» a equipa pratica um jogo superior.

Esta vitória veio trazer-nos o fortalecimento moral que nos faltava, para podermos elevar o Montijo a uma projecção maior, desmentindo o que anteriormente se passou e, reafirmo, só foi possível por anormalidades.

A arbitragem foi excelente, sem dúvida, para o que muito contribuiu a correcção de ambas as turmas.

J. C.

Ténis de Mesa

Defrontaram-se no dia 26 de Março na sede do C. D. M. as equipas de infantis do C. D. de Montijo e do Grupo Desportivo da Cuf, num encontro a contar para o Camp. Distrital. Saiu vencedor a equipa do C. D. de Montijo por 8 a 1.

A Cuf, alinhou com: Domingos Moreno, António Duarte e João Saldanha e o C. D. de Montijo com António Veiga, António Sacouto e João Mora. Os resultados foram:

Moreno perdeu com Veiga — 21/19 — 11/21 — 8/21.

Duarte venceu Sacouto — 21/12

21/17.

Saldanha perdeu com Moura — 15/21 — 10/21.

Duarte perdeu com Veiga — 21/18 — 18/21 — 19/21.

Moreno perdeu com Mora — 11/21 — 11/21.

Saldanha perdeu com Sacouto — 11/18 — 16/21 — 4/21.

Duarte perdeu com Mora — 17/21

19/21.

Saldanha perdeu com Veiga — 16/21 — 19/31.

Moreno perdeu com Sacouto — 22/20 — 17/21 — 16/21.

Boa actuação de Mora (Montijo) e Duarte (Cuf).

SACHS

A bicicleta motorizada acreditada universalmente

Agente Exclusivo:

Fernando Capela

R. Bulhão Pato, 22 - Telef. 026 177

MONTIJO

João Luís de Oliveira

Encarrega-se de todos os trabalhos de pedreiro e limpeza de prédios.

Trata na Rua Joaquim d'Almeida, n.º 59 — MONTIJO

GALERIA DOS ASES

José Luís Batista Marques

(Zé Luís)

Idade: 22 anos

Nascido em: 11 Março 1933

Natural de Montijo

Estado: solteiro

Profissão: Serralheiro

Pêso: 69 quilos

Altura: 1,70 metros

Iniciou a sua carreira de jogador de futebol nos «Juniões» do C. D. M., jogando o extremo esquerdo. Nesta categoria foi campeão distrital nos anos de 1951/52 e 1952/53.

Também tem jogado a interior e actualmente, por força das circunstâncias ocupa o lugar de defesa lateral, sendo um dos melhores elementos da equipa.

Passou, directamente, da categoria de «Juniões» à categoria principal.

Os jogadores que mais admira são: Barrigana, Caiado, Travassos e Coluna.

Não distingue nenhum colega, pois todos muito aprecia. Todos procuram, na sua opinião, cumprir o melhor possível para servir a equipa.

O clube português, depois do C. D. M. que mais lhe interessa, é o Sport Lisboa e Benfica.

Tauromaquia

Realizou-se em Alges, no passado domingo, 3, a primeira corrida de toiros, oficial da época, a nova empresa, «OTA» que fez vários melhoramentos, no interior da praça, como pintura, «burladores» junto à barreira, ao uso de Espanha, destinado à Autoridade, Imprensa, Rádio e pessoal da arena, e um relógio no lado oposto à inteligência. No cartaz, figurava os nomes de Simão da Veiga, Manuel Conde, Victoriano Posada e Joaquim Marques, este, chegado recentemente do México, onde recebeu alternativa de matador, e teve brilhantes actuações; e forçados, os amadores do Ribatejo, chefiados por Francisco Garcez Palha, e os toiros, do ferro Claudio Moura.

Abriu praça, o cavaleiro do Lavre, que nem com os seus esforços e sabedoria, conseguiu tirar partido do manso, que se agarrou à querença natural; conseguindo no segundo que lhe coube, alguns ferros com o seu «selo», apesar do bicho se adiantar bastante, no final de cada lide, teve chamada e ovação.

Manuel Conde, teve actuação pouco afortunada, no primeiro e segundo toiro, cravou alguns ferros regulares, mas muito à quem, das suas já conhecidas qualidades, de cavaleiro profissional; ouvindo também ovação, no final do seu trabalho.

Victoriano Posada, um espanhol precedido de bom cartel, não teve um pormenor, que nos justificasse tal categoria, esperamos voltar a vê-lo outra vez.

Joaquim Marques, que por terras do México, conseguiu triunfar, deu-nos no domingo, a confirmação dos seus êxitos, mostrando-se confiado, com presença e mandando.

No primeiro toiro, usou bem do capote, bandarilhou regular, e executou uma facna de muleta, intercalando vários passes, sempre bem rematados que, o público, premiou com boa ovação, chamada, e volta, concedendo-lhe também, uma orelha simbólica, nova modalidade, criada esta época, na Praça de Alges. O novo matador português, no segundo toiro, actuou também com distinção, dando ao toiro, a lide que se impunha; no final, ovação, chamada, e flores. Boa brega dos peões.

Os forçados, pegaram com decisão.

Os toiros, enviados por Claudio Moura, eram irregulares, tanto em peso, como em tipo, acusando mansidão, mas saindo nobres. Não calculo, a razão porque os campinos, não se apresentaram fardados. Dirigi-me com acerto, o antigo bandarilheiro, Custódio Domingos. O público, não encheu totalmente as bancadas, registando-se, talvez, três quartos de casa, porque também, especialmente os lugares de sombra, estavam um bocadinho «salgados».

Um Aficlonado

CONTRA A CASPA

Quer ter cabelos bonitos e abundantes? Use o **Petróleo Químico Jódigo**. Loção progressiva contra a caspa e a queda do cabelo. Vende-se nas farmácias e nas drogarias; Depositário geral

Diogo da Silva Salão

Rua Joaquim de Almeida, 132

MONTIJO

PEREIRA & MAFRA, L. DA

Solas e Cabedais

Depositário das afamadas

VITELAS

ABADIA

Executa com perfeição todo o género de concertos

Rua Machado Santos, 8 - MONTIJO

O julgamento da pedra

(Continuação da página 4)

— Sim — confirmou a criança.

— Prendam esta pedra — ordenou aos seus auxiliares que o acompanhavam — e dirigindo-se ao garoto disse-lhe:

— Agora podes ir para casa, mas quero-te amanhã de manhã no tribunal. Vou ver se consigo encontrar o dinheiro que perdeste.

Crónica da Capital

(Continuação da 1.ª página)

Aceitemos, portanto, com coragem e valor as referências críticas que nos fizerem, julgando-as em consciência e tentando corrigir os nossos defeitos sem melindres nem susceptibilidades exageradas. Só assim poderemos caminhar no sentido de um aperfeiçoamento que tão necessário nos é.

E' preciso aceitar as cousas como elas são,

Parque Mayer

Em poucas palavras dou aos meus leitores uma imagem, sem pinceladas exageradas, do que é este Parque situado à esquerda da Avenida da Liberdade, quando se sobe.

O Parque Mayer é um recinto fechado, ladeado de barracas da mais ínfima espécie e onde *residem* dois teatros e um cinema. A sua frequência: mulheres de porte duvidoso, homens sem modo de vida, boémios da pior espécie.

Conclusão: o Parque Mayer é um ambiente de podridão, onde não se cuida da linguagem nem tão pouco da moral.

E' precisamente por isso que muitas pessoas evitam frequentar os teatros e o cinema ali existentes. Atravessar aquele meio, ouvir palavrões de corar e confundirem-nos, isso não.

Rollin de Macedo

Na manhã seguinte, uma enorme multidão acorreu ao «Yamen» da cidade. Todos tinham ouvido dizer que o grande Pao-Wen-Chin ia julgar uma pedra, que tinha roubado dinheiro a uma criança.

E' esta a pedra que roubou o teu dinheiro? — perguntou o juiz ao garoto.

— Sim — confirmou mais uma vez este.

Então — disse o juiz Pao no seu tom mais solene — dêem 50 vergastadas de bambú nessa pedra.

E dois soldados, com finas varas de bambú, começaram a bater na pedra.

Todos os espectadores se riram desta estranha justiça.

O juiz Pao levantou-se imediatamente, e disse dirigindo-se ao auditório:

— Esses risos mostram o vosso desprezo por este julgamento. Vejo-me obrigado a multar todos os presentes com um centavo.

Então os soldados, trouxeram uma bacia cheia de água e colocaram-se à porta. Os espectadores foram saindo, e um por um foram atirando o seu dinheiro para dentro da bacia.

O juiz tinha-se entretanto sentado silenciosamente a um lado, vigiando atentamente e com interesse o decorrer da sena.

A certa altura, um dos presentes deixou cair a sua moeda dentro da bacia.

Rapidamente o juiz ordenou:

— Prendam esse homem, é o ladrão!

E sabem os leitores como conheceu o nosso juiz o culpado?

Quando o homem atirou a sua moeda e apareceram círculos de gordura na superfície da água, demonstrando que o dinheiro procedia da cesta que tinha contido as frituras.

Data boas Fotografias

Foto Montijense

O homem e a máquina

(Continuação da 1.ª página)

o homem senhor de tantos inventos que lhe oferecem comodismo e bem estar, continua ainda, se não mais insatisfeito.

Sim, razão tinha Epicuro quando disse que «se o homem não se contenta com pouco, não se satisfará com muito».

Por outro lado vemos que Alexandre chorava porque não tinha mais conquistas a fazer, hoje o homem chora porque não consegue realizar seus férteis sonhos.

Em princípio isto causa alegria porque mostra quanto o homem é um ser dependente, finito.

Daí a razão porque deve ser raro aquele que chegue ao fim do dia e possa dizer — não me era possível mais nem melhor.

Há ânsias de ultrapassar sempre o ponto de chegada.

Atinge-se a Lua e surge a vontade de saltar a Marte, conhece-se o átomo e tenta-se o automóvel atómico, descobre-se a radioactividade e torna-se necessária a todos e cada um dos órgãos do corpo.

E o que se dá no campo

da invenção dá-se no comodismo da vida — o tesouro do avaro não se enche, os débitos do sensual não se satisfazem, a glória do ambicioso não conhece limites.

E a ânsia de sempre mais e melhor não permite que o muito já adquirido, se torne fonte de alegria e felicidade — continua sendo fonte de tristeza.

E assim a par do sofrimento dos sem pão e sem trabalho há o sofrimento do inventor e do possuidor, do avarento e do ambicioso, do voluptuoso e do austero.

E no marulho de todo este sofrimento os mais felizes são os que mais sofrem — aqueles que vivem enojados com as suas misérias, aqueles que choram e sangram por libertar-se das peias da carne.

Sim, a descoberta do homem, da sua miséria, do seu nada, é a mais difícil e por isso a mais nobre das invenções.

Descobrir fraquezas e corrigi-las, enfrentar instintos e dominá-los constitui a vitória primeira e única que dá acesso à vitória final.

Narciso Mendonça

Material Eléctrico

Cabas e fios condutores
Baquelites — Porcelanas
Iluminação fluorescente
Material Estanque - Tubo
Bermann - Tubo de Aço

CANDEIROS
TELEFONIAS
RADIADORES
VENTOINHAS
FRIGORIFICOS
Etc. — Etc. — Etc.

Tudo aos melhores preços

ABEL JUSTINIANO VENTURA

Praça da República — MONTIJO

José Cipriano Sancho

SERRALHARIA
MECANICA
E CIVIL

Trabalhos de soldadura
a electrogéneo e oxí-acetilénico
com a máxima perfeição
Rua Manuel Gomes Nepomuceno, 9-B
MONTIJO

Tendo V. Ex.ª que efectuar
Seguros em qualquer ramo
não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

Se quer vestir bem e barato

SÓ NA

Alfaiataria Progresso
de AMÉRICO DE ALMEIDA

Execução perfeita

Corte impecável

R. Joaquim d'Almeida (vulgo R. Direita), 5-1.º-D.º
MONTIJO

SANFER, L. DA

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone
FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RÍCINO BELGA para abubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Sociedade Montijense de Representações, L.ª

Agentes das melhores marcas de Aparelhos de Rádio MEDIATOR e MULLARD - Máquinas de Escrever, Calcular e Somar ROYAL, FACIT e SUMMA

R. Almirante Cândido dos Reis, 38
TELEF. 026 288 MONTIJO

CARVALHO & C.ª, L.ª

Rua Almirante Cândido dos Reis, 34
Telefone 026 324 MONTIJO

Agentes no concelho de Montijo de
ADLER

A máquina de escrever alemã que todos preferem
ADLER, a alegria do bom dactilógrafo // Compre uma
ADLER e comprará a melhor máquina de escrever

DROGARIA ORIENTAL

José de Sousa Martins

DROGAS, TINTAS e VERNIZES // ARTIGOS DE VASSOUREIRO e PINCELARIA

Vidros para vidraças — Louças em barro — Cal em pedra, etc.

Rua Joaquim de Almeida, 53 — Montijo

António Joaquim Lucas Catita

ESTAFETA entre MONTIJO, LISBOA e vice-versa

Aceita serviços ao mês e trata de documentação de automóveis e trocas de cartas de condução

Praça da República (Beco do Farte), 10 — MONTIJO
Telefone 026 037

Rua dos Correiros (Poiteiro), 140 — LISBOA

Joaquim Mendes Capela

Máquinas de Costura
RUSQVARNÁ — Balanças e Medidoras
EXACTA — Frigoríficos — Rádios — Máquinas de Escrever — Motores de Rega e Eléctricos — Baterias — Esquentadores — Bicicletas — ARTIGOS PARA A INDÚSTRIA

RUA JOSÉ JOAQUIM MARQUES, 81
TELEFONE 026 356 — MONTIJO



Escola de donas de casa Para rir!...

Doze mandamentos japoneses

Eis aqui as doze recomendações que uma mãe japonesa faz a sua filha quando se casa:

- 1.^a — Logo que cases, deixas legalmente de ser minha filha; por isso deves obedecer a teu sogro e a tua mãe.
- 2.^a — Logo que cases, o teu marido será o teu senhor. Deves ser humilde e delicada. Obedecer completamente a seu marido é para a mulher uma nobre virtude.
- 3.^a — Deves ser sempre amável para com teus sogros e cunhados.
- 4.^a — Não deves ser ciumenta, porque o ciúme não permite que se alcance a afeição do esposo.
- 5.^a — Mesmo que a razão não esteja do lado do teu marido, não te encolerizes, tem paciência e, quando ele estiver sossegado, fala então.
- 6.^a — Não fales muito, não digas mal do próximo e nunca mintas.
- 7.^a — Levanta-te cedo e deita-te tarde e não dormites depois de jantar, bebe pouco vinho e antes dos cinquenta anos não frequentes as grandes multidões.
- 8.^a — Não peças aos adivinhos que te profetizem o futuro.
- 9.^a — Trata de ser boa dona de casa e mulher económica.
- 10.^a — Mesmo que sejas nova, deixa-te de rapaziadas.
- 11.^a — Não uses vestidos claros e anda sempre limpa.
- 12.^a — Não tenhas orgulho de fortuna e da posição que ocupa teu pai, e não tenhas vanglórias perante o pai, a mãe, os irmãos e as irmãs do teu marido.

Com tais recomendações, uma mulher japonesa, desde que as cumpra, deve ser a pérola das mulheres!

PNEUS
M A B O R

Agência oficial:
Viuva & Filhos de Román Sanchez

Conselhos

- O cheiro da gasolina ou benzina, introduzido nas mãos, tira-se esfregando-as com um pouco de sal.
- Limpam-se agulhas oxidadas imergindo-as, durante 24 horas, em azeite misturado com algum petróleo, depois metem-se em serradura seca, e, para obter uma boa dessecação, é conveniente revolvê-las com uma vareta.
- Quando quizer limpar os objectos de alumínio não tem mais do que arranjar uma mistura, em partes iguais, de azeite e álcool mistura que convém agitar numa garrafa, esfregando-se com ela os objectos.
- Há uma maneira muito fácil de limpar os dentes que a maioria das senhoras desconhece. Basta metê-los em amoníaco diluído a 10%.

— O amoníaco tem de facto grande utilidade numa casa, e a sua principal aplicação é para tirar nódoas de gordura. No entanto nem toda a gente se serve dele convenientemente. Por exemplo, para tirar uma nódoa de gordura no setim deve deitar uma gota desse líquido sobre o tecido, depois de evaporado, coloca-se papel mata borrão do avesso, passando-lhe por cima um ferro quente.

— Já que estamos falando em amoníaco, lembremos-lhe que também as suas joias podem ser limpas com este líquido. Esfregue-as com uma escova (pode ser uma velha escova de dentes) embebida em solução de amoníaco — uma colher de chá num copo de água.

As noivas e as flores de laranjeira

Na vida, com as suas esperanças e desânimos, com os seus triunfos e infelicidades, tudo tem a sua origem e significado. Assim, há na Europa, desde tempo antigo, o costume de as noivas colocarem sobre o véu branco grinaldas de flores de laranjeira. E, no entanto, este uso é muçulmânico, introduzido na Europa na época das Cruzadas. Supunham as imaginações

Um indivíduo entra numa taberna e pede um copo de vinho. Depois de o ter bebido volta-se para o dono da casa e diz-lhe:
— Dê-me outro antes que comece a zaragata!
— Qual zaragata? — pergunta o taberneiro.
— A que você vai fazer quando vir que não tenho dinheiro para pagar.

Curiosidades

O segredo dos tejos egípcios

Os tejos com que os egípcios fizeram os seus monumentos há 4.000 anos, têm resistido, como é sabido, a todas as inclemências do tempo. Durante séculos desconheceu-se a forma da sua fabricação, e por consequência, o segredo da sua dureza e da sua extraordinária resistência. Só agora, depois de pacientes investigações, um engenheiro inglês demonstrou que os egípcios coziam grandes quantidades de palha em água do misterioso Nilo e que misturavam a argila no caldo obtido daquela maneira.

Milhares desses tejos apareceram intactos nos túmulos dos faraós.

de então que a laranjeira era a árvore que produzia maior número de frutos, e, assim, as noivas usavam as alvas flores na dulcíssima esperança de vir a ter numerosa prole, base segura da família bem constituída.

A sobremesa de domingo

Põem-se num tacho quatro gramas de ovos, 150 gramas de manteiga derretida, 500 gramas de açúcar, 680 gramas de farinha de trigo, uma colher de chá, de canela, outra de cravo em pó e, finalmente outra de bicarbonato de soda.

Amassa-se tudo até ficar bem ligado; depois fazem-se com a massa bolos ou biscoitos, polvilhando-os de farinha.

Colocam-se numa lata untada com manteiga e, em seguida, polvilhada de farinha. Cozem-se em forno de fogo brando.

Tutti Frutti

Apontamentos de J. J. CARIA

*H*A cerca de um mês os jornais e a rádio noticiaram o falecimento de Sir Alexander Fleming, o notável cientista britânico que dotou a terapêutica moderna com mais uma poderosa arma, que viria a ser uma das mais importantes descobertas da história médica: a penicilina.

Foi no ano de 1929, trabalhando afincadamente dia e noite no seu gabinete laboratorial do St. Mary's Hospital, de Londres, que o espírito inquebrantável do homem de ciência conseguiu extrair do vulgar e antipático bolor uma substância maravilhosa, altamente bactericida, que viria a ser um baluarte contra todas as doenças provocadas pelos microrganismos que lhe são sensíveis.

Perguntei a mim próprio se a morte do ilustre médico inglês teria, fora da sua Pátria e da sua esfera de acção profissional e social, a justa repercussão a que incontestavelmente tinha direito. Não! Certamente que não!

Alexander Fleming foi indubitavelmente um triunfador... mas triunfou na sombra; foi sem dúvida alguma um génio... mas um génio humilde, laborioso e obscuro. E o povo, esse eterno público, gosta de espectáculo! Gosta de saber quem vence, mas quer ver vencer!

Mas a vitória de Fleming não foi estrondosa e efêmera como uma salva de palmas no Madison Square Garden; o seu triunfo não foi entusiástico e eletrizante como o golo da vitória na final da Taça no Estádio de Wembley. Fleming foi um triunfador sereno e humilde, um génio ponderado e criador... mas não foi um ídolo! E o grande público só conhece os ídolos!

Porém as cinzas desse modesto filho de um lavrador da Escócia, que mais tarde foi doutor em medicina, biologia e química, repousam hoje na cripta da Catedral de S. Paulo, panteão das glórias britânicas, ao lado de heróis nacionais, génios e poetas, e a sua vitória deixará de ser sua parte pertencer à Eternidade.

E' que Sir Alexander Fleming, além da virulência dos micróbios e do cepticismo dos homens, além da Vida, venceu também a Morte!

de CIÊNCIA

Um estômago artificial

Todo o medicamento novo precisa de ser experimentado. Até agora, para tal se fazer, havia apenas duas possibilidades: dar o remédio a tomar a voluntários, verdadeiras «cobaias humanas», ou aos animais. O primeiro sistema, além de outros apresenta o inconveniente de fornecer somente indicações imprecisas; o segundo é demorado e resulta caro.

Recentemente, porém, o problema parece ter sido solucionado. Uma firma alemã, Erweka, apresentou em Frankfurt, e em Paris no II Salão da Química, um estômago artificial que permite fazer experiências em condições muito aproximadas das do corpo humano.

O aparelho, mede 25 centímetros de alto sobre uma base de 26 X 45 centímetros. Fornece indicações exactas quanto à duração da transformação dos medicamentos pelos sucos gástricos e intestinais, permitindo, ainda, medir o tempo

necessário para que os elementos do remédio se desagreguem e transformem em pseudo-soluções. O funcionamento do maquinismo é dos mais simples; os medicamentos a ensaiar são agitados com o ritmo dos movimentos peristálticos do aparelho digestivo do homem e à temperatura normal do corpo (37 graus centígrados). Detectores ópticos indicam o final da experiência, isto é, a absorção química que constitui a digestão, ou a desagregação completa. A duração, essa é registada num grupo de mostradores, graduados em horas, minutos e segundos.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N.º 6

HORIZONTAIS: 1 — Portugal na sua infância. 2 — Tornada ilustre. 3 — Em partes iguais (form.); oca. 4 — Forma de pron. pes.; saudação; preposição. 5 — Prefix. negação; lado do vento. 6 — Importante vila da Extremadura. 7 — Art.º def.; pron. reflexo. 8 — Segundo nome dum notável poeta seiscentista, fundador da Escola Clássica Italiana; tende vida; art.º def. 10 — Atrairas. 11 — Nome dum florescente semanário.

VERTICAIS: 1 — Aliados. 2 — Vi; prep.; sadia; iniciais duma grande companhia do país. 3 — Forma sincopada do verbo celular no tempo presente; parceiro. 4 — Transpiras; porco. 5 — Vogal no plural; quatro (romano). 6 — Consoante dobrada; li. 7 — Atmosfera; prefixo de negação. 8 — Corpo de igreja; consoantes da palavra marco. 9 — Partida; o nome que mais dignifica a mulher. 10 — Em partes iguais (form.); artigo espanhol; freguesia do Concelho de Ponte de Lima. 11 — Paixões.

Obs. — Seria interessante escrever a palavra central da horizontal 4 e da horizontal 6 a tinta de cor diferente.

Solução do Problema N.º 5

1 — Pira; fogo. 2 — Caro; c; siga. 3 — Ola; ais; lis. 4 — Ac; andes; vi. 5 — Lomba; geral. 6 — H; abana; a. 7 — Epica; Iriar. 8 — I. I.; Etica; li. 9 — Rs; laves; ia. 10 — Atra; o; som. 11 — Aura; afim.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											

CASA DAS VERGAS

A UNICA NO GENERO
É preferida pela variedade e bom gosto das seus artigos
TELEFONE 026 260 - MONTIJO

Representações REPAL, L. da

Livraria - Papelaria - Perfumaria - Tabacaria - Comércio Geral

Estores «Aluminium» para todos os fins - Carimbos de todos os tipos - Capachos para automóveis

A ABRIR BREVEMENTE

Praça Gomes freire de Andrade, 22

MONTIJO